



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



# 11

## *Discurso na solenidade comemorativa do centenário de nascimento de Sérgio Buarque de Holanda*

**PALÁCIO ITAMARATY, BRASÍLIA, DF, 18 DE JULHO DE 2002**

*Meus caros Ministros companheiros de mesa; Meu querido Sergito; Nossos representantes da família, Maria do Carmo, Rutinha; Senhoras e Senhores aqui presentes,*

Ainda bem que já houve quem tivesse quebrado o protocolo. Porque, me lembrando do Sérgio, ele ficaria um pouco assustado de me chamar de Excelência: “Excelentíssimo Senhor Presidente”.

Pois é. Não, não, eu disse agora, quando foi anunciado. Você, Sergito, quebrou, também, contando, enfim casos muito simpáticos da nossa experiência com o Sérgio. Então, vou quebrar mais ainda.

Vou, como você já disse que sou vaidoso, como foi seu pai, vou assumir. Depois eu explico, eu qualifico, o que vou ler agora, aqui, que é de sua mãe, a Maria Amélia, que me mandou um fax extremamente simpático. Ela diz assim:

“Sentindo uma pena enorme pela impossibilidade de abraçá-lo, vejo o Sérgio, lá no céu, todo contente, em dia de festa” – ele gostava, realmente, de festa. Aí, tem uma frase que tenho que explicar, diz assim: “Fernando Henrique, o Belo, ele é muito bom”. Este “o Belo”, aqui, é

brincadeira do Sérgio. Era com um outro Fernando que estava lá, que ele chamava, e eu não vou dizer como é que ele o qualificou. Não tem nada a ver comigo. Era o modo dele brincar.

E diz, também, a Maria Amélia, ela e a Ruth também são de Araraquara. “Saudades. Maria Amélia”.

Bom, eu fiquei muito emocionado ao receber essa nota da Maria Amélia e essa referência que ela faz ao espírito do Sérgio, que é o que aqui todos nós ressaltamos. De uma maneira ou de outra, como pessoa, o que ressaltamos aqui, era uma criatura extraordinária e que tinha alegria de viver, que tinha muita alegria de viver.

Aqui se mencionou uma festa de aniversário. Eu me lembro de uma outra em que o Chico chegou com uma miss da Itália, uma italiana belíssima, que estava com uma roupa vaporosa. E aquilo produziu um efeito, só no Sérgio, extraordinário. Os outros, nem olhamos.

Mas, assim era o Sérgio, uma pessoa que tinha, realmente, essa enorme alegria de viver e que trabalhava de uma maneira extraordinária, porque o que ele produziu, só com muito esforço, com muita disciplina, embora aparentemente desordenado. Mas ele nunca perdeu a dimensão humana e nunca perdeu, nessa dimensão humana, a dimensão da vida, na sua própria obra.

Ele foi extremamente inovador. Não posso dizer nada mais do que o que já foi aqui mencionado. O Ministro Celso Lafer chegou a ver, até, um ângulo novo do Sérgio: como é possível aproveitar a obra do Sérgio para pensar, em termos de política internacional.

Mas a verdade é que ele era extremamente inovador e não formal. Ele, realmente, era uma pessoa não convencional. E isso transparece em todo o seu trabalho. Transparecia sempre. Outro dia, ao escrever um artigo, agora, recentemente, sobre o Sérgio, mencionei, lá, uma das argüições que o Sérgio fez, numa das teses lá, de São Paulo, na USP, em que ele, realmente, com muita graça, sem nunca ofender a pessoa que estava sendo examinada, reduzia um certo pedantismo, que era próprio de todos nós, reduziu aquilo a quase nada. E, aí, mostrava que, de uma maneira mais direta, era possível descrever melhor o Brasil.

Eu fui examinado pelo Sérgio duas vezes, em 1960, quando fiz uma Tese de Doutoramento sobre a escravidão no Sul do Brasil – e eu tenho até hoje as anotações que ele me deu, o que ele diria na tese e, depois, como já foi mencionado pelo Ministro Celso Lafer, na Cátedra.

Pois bem, o Sérgio, todas as vezes que examinava alguém, conseguia isso que acabei de dizer. Ele conseguia, com muita simplicidade, mostrar o que tinha de bom e, também, nunca escondeu, muito, a sua crítica, de uma maneira bastante direta, bastante radical.

Agora, ele era, além de um espírito inovador, um espírito inquieto, um grande escritor. E, independentemente de saber-se, como disse o Weffort, qual seria a contribuição do Sérgio para a sociologia. Nós, os sociólogos, somos, em geral, muito maus escritores e muito chatos. Então, quando se lê um texto de sociólogo – não são todos assim, mas eu sou – é muito difícil, porque é muito rebuscado. Ao invés de dizer as coisas de uma maneira mais direta e mais simples se diz de uma maneira muito complexa. Isso nunca foi o Sérgio Buarque de Holanda. Ele sempre foi capaz de fazer análises extremamente profundas, como aqui já foi salientado, mas de fazê-lo de uma maneira direta e com uma elegância na escrita que é extraordinária. O Sérgio é um grande, um grandíssimo escritor.

Não por acaso, talvez o seu melhor crítico seja um crítico literário, que é o Antonio Cândido. E o Antonio Cândido, por quê? Pela convivência que tinha, pessoal, com o Sérgio, pela afinidade de espírito, pela afinidade política com o Sérgio. Mas, também, porque percebia no Sérgio alguém que era superior a todos os demais, a todos os seus contemporâneos, ou pelo menos a todos aqueles com quem ele convivia, eu diria mesmô que a todos os seus contemporâneos.

O Cândido disse, ainda recentemente, num artigo que escreveu, num dos jornais aqui do Brasil: “Olha, é curioso celebrarmos os 100 anos do Sérgio.” Ele gostaria, pelas razões de uma justíssima vaidade, do reconhecimento póstero. Mas, certamente, diz o Cândido, eu não consigo ver o Sérgio centenário. Porque o Sérgio é um jovem. E é verdade isso. Esse espírito de jovialidade foi permanente no Sérgio Buarque. A diferença de idade entre nós, o Weffort muito menos, que foi até meu

aluno, mas de mim para o Sérgio era de 30 anos. É uma diferença grande. E não obstante nós nos relacionávamos, se eu posso dizer assim, fraternalmente.

O Sérgio era um homem já famosíssimo, quando estava na USP, um catedrático, e nós éramos, ou alunos ou assistentes. Isso não queria dizer nada. Isso não separava as pessoas do Sérgio, pelo contrário, ele lidava com a sua glória, se eu posso assim dizer, com a sua erudição, com o reconhecimento, que já era imenso, diante do que ele já havia feito. Ele lidava com tudo com uma simplicidade, com um bom humor, com esse espírito brincalhão, que aliás foi ressaltado pela Maria Odília, que foi sua discípula e que mostrou que era uma sociabilidade de gente séria, mas que sabia rir. Eu acho isso muito importante, saber rir. O Sérgio sabia rir. E quem sabe rir, tem que rir de si próprio, tem que não ter vergonha de se expor e rir de si próprio. O Sérgio ria dele mesmo, com a maior tranquilidade, porque tinha segurança de que, ao se auto-analisar e ao mostrar certos aspectos que, enfim, não seriam talvez os mais bem compostos, isso não o diminuía. Pelo contrário, isso mostrava como ele era.

Agora, basicamente, e já foi ressaltado aqui, também, é o fato de que o Sérgio sempre teve uma preocupação em estar em compasso com o seu tempo. Ele sempre esteve em compasso com o seu tempo. Ele, claro, recorria, ao historicismo alemão, ele conhecia o Dilthey e todos os demais já citados aqui. Teve inspiração em Croce, teve inspiração em Vico, enfim, uma erudição imensa. Ele não tinha, também, pejo de misturar tradições, não ficava adstrito a uma só escola de pensamento, ele nunca se viu refém da tradição. Ele sempre estava buscando alguma coisa que fosse nova e, como ele gostava de citar Goethe, ele buscava conhecer o passado para libertar-se dele, e não para ficar amarrado a ele.

Na própria *Visão do Paraíso* tem uma frase que diz assim: “A missão principal do historiador seria procurar afugentar do presente os demônios da História.” É o que foi dito aqui. Entender o presente e até o futuro tendo em vista um conhecimento da história, mas que não prendesse o espírito. E nesse ponto ele se distancia bastante de Gilberto Freyre.

Há alguns anos, acho que eu era Ministro do Exterior, fiz uma palestra aqui sobre Sérgio Buarque, Gilberto Freyre e Caio Prado. Não vou repetir os argumentos. Mas eram óbvias as diferenças imensas que havia, porque Gilberto, na verdade, tinha uma espécie de lusitanismo acentuado, que era demais para o gosto do Sérgio Buarque, esse culto ao iberismo, ao lusitanismo, às raízes, à tradição e tudo isso.

Durante muito tempo nós ficamos pensando em patriarcalismo ibérico e, naturalmente, o Gilberto que tinha que exaltar esse lusitanismo e essa questão oligárquica, acabou falando: Não, é verdade que nós somos mais plásticos do que ele; de uma certa plasticidade que teria vindo não sei por qual ectoplasma indígena ou africano. Mas, de qualquer maneira, o molde era sempre aquele molde que pesava muito. Não era assim o pensamento de Sérgio. O Sérgio via tudo isso como algo inibidor do acesso do Brasil à modernidade. E, talvez a maior incompreensão, na análise do Sérgio, seja exatamente a questão do famoso homem cordial, onde, realmente, – já foi ressaltado aqui – a idéia não era de louvar o homem cordial, nem de ficar com um culturalismo, assim de pouco alcance, mas era de mostrar, precisamente, as limitações que esse tipo de relacionamento, vindo do personalismo, do patrimonialismo e dessa mentalidade cordial, impunha a uma ordem verdadeiramente democrática.

Na verdade, o homem cordial é visto de um ângulo crítico. Esse emocionalismo, essa transformação de tudo em uma questão pessoal, que pode ter esse lado assim, sentimental, e até mesmo da cordialidade, ele atrapalha a formação de uma sociedade onde o exercício da cidadania e da democracia sejam, realmente, os valores fundamentais. Na verdade, a cordialidade é inimiga das normas. Ela é refratária ao império da lei, porque ela discrimina. Se eu gosto da pessoa, a lei não vale. Se eu tenho um certo sentimento. A idéia de que a maior igualdade para um maior número de pessoas, que vem de Bentham, que é fundamental a democracia, não se coaduna com a questão da cordialidade.

E quantas vezes se escreve: “O homem cordial.” Como se fosse isso uma louvação do modo de ser cordial que seria herança de um passado patrimonialista, rural, ibérico ou o que seja. Não era esse o pensamento

de Sérgio, ao contrário, ele achava que isso, esse estilo de cordialidade acaba tendo mais afinidade com soluções autoritárias, e que dispensam a necessidade do consentimento da razão, que aceita ou que não aceita.

Agora, Sérgio fazia essas constatações, vivia o momento presente com o olhar no futuro, tinha oposição política permanente. E ele, claro, pressentiu a instalação do Estado Novo. Os grandes livros dos anos 30, que são *Raízes do Brasil*, *Casa Grande & Senzala* e *A Formação do Brasil*, este, do Caio Prado, são livros de um momento em que o Brasil, o mundo marchava para um lado fascista, autoritário. Então, é melhor ainda que preste atenção a isso, porque o Sérgio tinha uma aposta na democracia, e numa democracia, eu diria, radical, num momento em que a intelectualidade estava balançando tanto.

O Brasil vivia um período que, um pouco adiante foi do Estado Novo, em 37, em que as pessoas não tinham muita certeza de como seria o futuro. A Europa estava com o nazismo, com o fascismo. Isso teve uma influência arrasadora aqui, até mesmo em alguns grandes pensadores como Oliveira Viana. Uma certa tentação a buscar razões que justificassem uma atitude não democrática. Não foi a posição do Sérgio. Já em *Raízes do Brasil*, pelo contrário, ele achava até que, na verdade, haveria uma transformação que ele foi buscar lá na Abolição, como grande elemento propulsionador da democracia na sociedade brasileira. E o Florestan Fernandes tem algo de muito semelhante nesse ponto de vista, quando vai mostrar, na questão racial, no Brasil, na Abolição, na luta contra a escravidão. E, mais tarde, com a ascensão do negro. A questão fundamental – e Nabuco também já havia visto isso – em relação à Abolição, para que nós pudéssemos vir a ter uma sociedade mais democrática.

E Sérgio dizia: Bom, no Brasil nós temos alguns elementos que nos permitem, portanto, acreditar num futuro que não seja – ele não falava diretamente – do fascismo, nem ficarmos aqui embevecidos pelas nossas raízes ibéricas patrimonialistas, etc., pela cordialidade das pessoas. Mas ele dizia que alguns elementos eram positivos, que havia uma certa inconsistência, no Brasil, no preconceito de raça e de cor, um certo zelo pela autonomia individual, e uma certa propensão ao cosmopolitismo.

Ele via nisso indícios de um futuro mais proveitoso para a tradição democrática.

Nós todos sabemos, também, eu não vou entrar, não cabe entrar em muitos detalhes, que o Sérgio estava sempre atrás dos chamados pormenores significativos na história. Era um historiador, efetivamente, e já o Ministro Celso Lafer mostrou a importância das monções, dos desbravadores paulistas, essa vocação de espaço. E quando o Celso falava, eu me lembrava das monções e a vocação de espaço, isso é muito importante, eu creio, que se note como um elemento adicional, e já estava no Sérgio essa nossa possibilidade de construir uma sociedade mais livre.

Brasília é uma expressão disso, dessa vocação de espaço. Esse desbravamento – isso é monções ainda. Então, é uma vocação de espaço. O espaço, aqui, no Brasil, é um espaço generoso. Esse espaço, de alguma maneira, facilita a quebra da rigidez, porque a luta fica menos severa entre os homens. Quem leu, muitos aqui leram, Tocqueville, sabem do encantamento de Tocqueville pela América. Marx teve esse encantamento com a América, com os Estados Unidos, porque era uma contraposição a uma Europa hierárquica, uma Europa apertada, de pouco espaço. A América tinha a grandeza do espaço. O Brasil também tem a grandeza do espaço. É mais fácil a pessoa criar alguma coisa nesse espaço, ocupar, e ter a sensação de que pode fazer qualquer coisa. E isso, quem sabe, dê uma vocação mais favorável a uma luta pela mobilidade, por uma coisa mais aberta, mais democrática.

Então, é o mesmo tema que volta em *Caminhos e Fronteiras*, que é outro grande livro dele. As formas de convívio nas fronteiras do povoamento, quer dizer, no fundo, a idéia de que: “Olha aqui, nós somos, realmente, uma Nação que se forma”, me disse, aqui o Ministro Weffort, uma Nação que está em formação e, portanto, o que o Sérgio chamava de americanismo abre espaço para a construção de alguma coisa que não tem que ficar amarrada pelo passado.

Essa é a força presente, sempre, mesmo nas obras que parecem que são mais distantes do tema da democracia, do tema da recriação da sociedade, do tema da liberdade. Volta sempre, nas obras de Sérgio Buarque de Holanda.

Eu não queria terminar sem insistir num outro trabalho do Sérgio, que acho admirável e, para o meu gosto, que não sou historiador, eu gosto mais do livro de História, propriamente, dele, do que todos os outros, “O Império”, em *História Geral da Civilização Brasileira*.

Um dos volumes, que é volume sobre o Império, ele o redigiu inteiriinho. Os outros, não. Eu mesmo escrevi dois capítulos, de outros pedaços dessa obra e todos, muitos de nós colaboramos, mas não “O Império”, “O Império” o Sérgio escreveu. E eu conheço pouquíssimos livros que tenham a densidade histórica, a capacidade interpretativa e a erudição que tem esse livro de Sérgio Buarque.

A única dificuldade do livro é que ele tinha uma tal familiaridade com a história do Império, que ele se refere ao mesmo personagem de várias maneiras: pelo nome de família, pelo apelido, pelo título nobiliárquico. E, como aqui, no Brasil, os nossos nobres mudavam de hierarquia, o Imperador, quando precisava fazer uma acomodação política promovia, então é muito difícil acompanhar o enredo do livro, tal era a familiaridade do Sérgio, que ele sabia tudo aquilo nos detalhes, ao descrever, no detalhe, cada um daqueles momentos da História. E, detalhe, Joaquim Nabuco também o fez e com documentação vastíssima, no *Um Estadista do Império*. Mas Joaquim Nabuco não fez o que o Sérgio fez. Ele deixou uma interpretação que é fundamental, do que significou o Império, do que significou, como instituição, a escravidão, as forças que lá estavam, o papel do Imperador, o Poder Moderador, como se jogava aquilo. Até certo ponto, a representação de uma vida parlamentar, a existência de partidos que tinham uma afinidade ideológica com os partidos da Europa, mas que flutuavam porque, na verdade, isso não representava nada.

O próprio Imperador, na verdade, imagino, era cercado, na Corte, dos áulicos ou não-áulicos, que formavam aquela pequena opinião pública, na época, faziam a derrubada dos gabinetes, criavam uma dinâmica, uma coisa muito especial, o que aconteceu aqui, e acho que ninguém, mas ninguém mesmo, foi capaz de fazer uma análise tão extraordinária de tudo isso, como a análise que o Sérgio Buarque fez, para mostrar a dinâmica do Império.

E o tempo todo ele mostrava, também, o descompasso entre idéias importadas e a realidade social. Aqui, me lembra o Roberto Schwartz, *As idéias fora do lugar*. E, até hoje, depois que vi o livro, para brincar com o Roberto, chamava: “As idéias no seu lugar”. Mas, “As idéias fora do lugar”. Por quê? Porque, na verdade, era isso que o Sérgio estava mostrando, é ele fazia, ao mesmo tempo, a crítica ideológica. Estava desmistificando tudo aquilo que se havia plantado, aqui, como se fossem alguma coisa extraordinária aquelas normas ilustradas, vivenciadas por fatos que negavam inteiramente seus fundamentos.

Ele foi, realmente, um crítico radical da ordem imperial. E continuou sendo um crítico radical da ordem republicana. Lendo a primeira vez, ninguém nem percebe a radicalidade da crítica do Sérgio.

De modo que ele viveu, com muita plenitude, aquela história toda. E viveu, com plenitude, o século XX, o dele. Gostei muito de ouvir, dito por seu filho, aquilo que me parece que é fundamental mesmo. É que o Sérgio Buarque tomava posição, tinha partido, não só como teve com o PT, num dado momento. Mas tinha partido no decorrer de toda a sua história, tinha partido, tinha lado.

Era um historiador extraordinário, mas sua neutralidade acadêmica não lhe impediu de ter valores. E, portanto, de fazer as suas opções explicitamente. E fazia isso o tempo todo: na sua obra e na sua vida.

Portanto, eu acho que a tarde de hoje, para nós, que convivemos com o Sérgio, cada um de nós diferentemente, em momentos diferentes, e para os brasileiros, em geral, é uma tarde que marca aquilo que eu acho que é fundamental, se quisermos construir, mesmo, uma Nação: o respeito a um homem que foi grande, mas que teve a grandeza de não se transformar em estátua, nunca aceitou ser estátua, sempre continuou sendo um ser humano, com suas dúvidas, com suas afeições, com seus valores, com suas opções, com sua integridade.

Muito obrigado.